



HIGIENE PESSOAL COMO PRÁTICA EDUCATIVA: ESTRATÉGIAS E IMPACTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ivonete Sousa Sales Capistrano¹

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar a importância de estimular os hábitos de higiene pessoal na Educação Infantil, compreendendo-os como práticas fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças e para a promoção da saúde coletiva desde os primeiros anos de vida. A higiene pessoal, quando abordada de forma pedagógica e intencional, contribui para a formação de valores, responsabilidades e atitudes de autocuidado e respeito ao outro. A pesquisa fundamentou-se em uma revisão bibliográfica, com base em autores que abordam a infância, a educação para a saúde, os processos de ensino-aprendizagem e o papel da escola na formação de hábitos saudáveis. Foram discutidas práticas educativas que incentivam, de maneira lúdica e contínua, o desenvolvimento de comportamentos de higiene como o lavar das mãos, o cuidado com a higiene bucal, a importância do banho, a limpeza das unhas e o uso adequado dos sanitários. Além disso, são apresentados os desafios enfrentados pelos professores na abordagem desses temas no cotidiano escolar, considerando as diferenças socioculturais e a necessidade de envolvimento da família como parceira nesse processo formativo. A Educação Infantil é entendida como espaço privilegiado para a construção de conhecimentos significativos e para a internalização de hábitos que perduram ao longo da vida. Portanto, o trabalho destaca que investir na formação higiênica das crianças é investir na prevenção de doenças, na promoção da saúde e na construção de uma sociedade mais consciente e saudável. Conclui-se que, ao estimular os hábitos de higiene pessoal de forma contínua, contextualizada e afetiva, os educadores colaboram não apenas com o bem-estar físico das crianças, mas também com o fortalecimento da autonomia e da cidadania desde a infância.

Palavras-chave: Educação Infantil; Higiene pessoal; Autocuidado; Formação de hábitos; Saúde escolar; Práticas pedagógicas; Prevenção.

RESUMEN

El objetivo principal de este trabajo es analizar la importancia de fomentar hábitos de higiene personal en Educación Infantil, entendiéndolos como prácticas fundamentales para el desarrollo integral de los niños y para la promoción de la

saúde coletiva desde os primeiros anos de vida. A higiene pessoal, quando se aborda de forma pedagógica e intencional, contribui para a formação de valores, responsabilidades e atitudes de autocuidado e respeito aos demais. A investigação se baseia em uma revisão bibliográfica, baseada em autores que abordam a infância, a educação para a saúde, os processos de ensino-aprendizagem e o papel da escola na formação de hábitos saudáveis. Se discutem práticas educativas que fomentam, de forma lúdica e contínua, o desenvolvimento de condutas de higiene como a lavagem das mãos, o cuidado com a higiene bucal, a importância do banho, a limpeza das unhas e o uso adequado dos sanitários. Além disso, se apresentam os desafios que enfrentam os docentes para abordar estes temas na vida escolar cotidiana, considerando as diferenças socioculturais e a necessidade de envolvimento da família como parceira neste processo formativo. A Educação Infantil se entende como um espaço privilegiado para a construção de conhecimentos significativos e para a interiorização de hábitos que perdurem ao longo da vida. Por isso, o trabalho destaca que investir na formação em higiene infantil é investir na prevenção de doenças, na promoção da saúde e na construção de uma sociedade mais consciente e saudável. Se conclui que, ao fomentar hábitos de higiene pessoal de forma contínua, contextualizada e afetiva, os educadores colaboram não só com o bem-estar físico das crianças, mas também com o fortalecimento da autonomia e da cidadania desde a infância.

Palavras chave: Educação Infantil; Higiene pessoal; Cuidados pessoais; Formação de hábitos; Saúde escolar; Práticas pedagógicas; Prevenção.

¹Possui Mestrado em Ciência da Educação pela Universidade Del Sol (2025) Tem experiência na área de Língua Portuguesa. Licenciada em Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú UVA (2009), com especialização em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Kurios (2010) Pós graduada (Lato Sensu) em Gestão Escolar pela Faculdade de Desenvolvimento e Integração Regional (2015) Graduada em Pedagogia pela Faculdade Geremária Dantas (2019). Graduada em Serviço Social pelo Centro Universitário do Planalto de Araxá (2024) atuou como Professora da Rede Municipal de ensino no período de 2015 a 2020, atualmente desempenha a função de coordenadora na Gestão Pública Municipal.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil representa a primeira etapa da formação escolar e tem papel essencial no desenvolvimento integral das crianças, promovendo vivências que favorecem não apenas o conhecimento cognitivo, mas também o cuidado consigo mesmas e com o ambiente em que vivem. Nesse contexto, a formação de hábitos de higiene pessoal surge como uma dimensão educativa indispensável, que deve ser incentivada desde os primeiros anos da infância.

A higiene pessoal está diretamente relacionada à prevenção de doenças, ao bem-estar físico e emocional e à construção da autonomia infantil. Quando abordada de forma pedagógica, lúdica e contínua, permite que a criança compreenda a importância de cuidar do próprio corpo e do espaço coletivo. Assim, o ambiente escolar se consolida como um espaço privilegiado para a promoção de hábitos

saudáveis, sendo essencial que professores e demais profissionais da educação atuem como mediadores desse processo.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

A construção de uma rotina significativa na Educação Infantil requer a oferta de propostas pedagógicas diversificadas, que contemplem momentos variados e dinâmicos, tais como atividades com pintura, colagem, jogos, participação ativa em sala de aula e demais experiências que respeitem o ritmo e os interesses das crianças. Essas ações, quando bem planejadas, valorizam o cotidiano infantil e possibilitam aprendizagens mais significativas, ancoradas na ludicidade e na interação.

De acordo com Barbosa (2001), organizar o cotidiano das crianças pequenas vai além de simplesmente dispor atividades em uma sequência predeterminada. Trata-se de um processo que exige sensibilidade e escuta por parte do educador, que deve observar atentamente seu grupo, compreendendo suas necessidades, interesses, estados emocionais e formas de interação com os espaços e com os colegas. Como destacam Barbosa e Horn (2001, p. 67), “organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades.”

Essa leitura atenta do educador sobre o que as crianças brincam, como brincam, onde preferem estar e o que chama sua atenção ao longo do dia é essencial para que a estruturação espaço-temporal da rotina tenha, de fato, sentido e valor para elas. Além disso, é necessário considerar o contexto sociocultural no qual as crianças estão inseridas e a proposta pedagógica da instituição, que deve oferecer respaldo para a organização dessas práticas educativas.

Assim, a rotina em creches e pré-escolas adquire uma função formadora, pois não apenas garante segurança e previsibilidade para os pequenos, como também os ajuda a compreender a noção de tempo, a desenvolver autonomia, a conviver com regras e a assumir compromissos. Ao aprenderem a lidar com os diferentes momentos do dia — de forma lúdica e estruturada —, as crianças ampliam suas habilidades sociais, emocionais e cognitivas, preparando-se gradualmente para os desafios da vida escolar e social.

A importância de trabalhar a higiene na Educação Infantil é respaldada por documentos oficiais que orientam a prática pedagógica, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), especificamente no tema transversal “Saúde”, presente no componente de Ciências Naturais. De acordo com o documento, a higiene corporal é compreendida como uma condição essencial para uma vida saudável e, por isso, deve ser introduzida desde os primeiros anos da vida escolar. O texto ressalta que a aquisição de hábitos de higiene deve ter início na infância, pois é nesse período que a criança começa a construir valores e atitudes que influenciarão sua conduta ao longo da vida. Espera-se que, a partir do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, tais cuidados já estejam consolidados como

práticas autônomas, incorporadas à rotina diária por meio de normas e atividades educativas. Contudo, os PCN também indicam que, sempre que necessário, é pertinente retomar essas discussões no ambiente escolar, especialmente quando forem observadas lacunas nos comportamentos de autocuidado.

Ainda segundo o documento, o objetivo maior do trabalho pedagógico com a higiene corporal não é apenas ensinar técnicas de cuidado com o corpo, mas sim promover uma consciência crítica nas crianças, mobilizando-as a estabelecer conexões entre suas decisões individuais relacionadas ao autocuidado e a qualidade do convívio social. Ou seja, trata-se de incentivar uma postura ativa e responsável diante da própria saúde, compreendendo que ações simples, como lavar as mãos, escovar os dentes ou tomar banho regularmente, têm impacto direto não apenas no bem-estar individual, mas também no coletivo.

Dessa forma, é fundamental que o hábito da higiene seja fortemente trabalhado com as crianças pequenas, de maneira lúdica, contínua e contextualizada. Além de favorecer a formação de rotinas saudáveis, esse trabalho possibilita que as crianças compreendam a relação direta entre higiene e saúde, e também percebam que a ausência de práticas higiênicas pode facilitar a transmissão de doenças. Educar para a higiene, portanto, é educar para a vida, para o cuidado consigo e com o outro, promovendo desde cedo valores que sustentam uma convivência social mais consciente, saudável e solidária.

A presença do jogo na sala de aula é defendida por diversos estudiosos da educação, entre eles Kishimoto, que destaca sua relevância não apenas como recurso lúdico, mas como instrumento formador de aspectos sociais e cognitivos da criança. O jogo, longe de ser uma simples atividade recreativa, é uma expressão significativa da cultura, da aprendizagem e da convivência. Conforme aponta Kishimoto (1993), os jogos possuem origens e tradições diversas, transmitidas por meio das diferentes formas de jogar, sendo, portanto, manifestações espontâneas da cultura popular. Nesse sentido, os jogos tradicionais têm a função de preservar a cultura infantil e, ao mesmo tempo, desenvolver formas de convivência social, construindo espaços de interação entre as crianças, com base em regras, critérios e sentidos compartilhados. Para a autora, tais práticas favorecem a experiência da democracia e o respeito mútuo no ambiente educativo.

Dentro desse contexto, brincar e jogar tornam-se ferramentas pedagógicas fundamentais na Educação Infantil, pois contribuem significativamente para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Ao participar de jogos, a criança aprende a lidar com regras, a respeitar turnos, a reconhecer o limite de sua ação, a escutar o outro e a administrar suas emoções diante de vitórias e perdas. O jogo, portanto, atua como um organizador das relações sociais, ao mesmo tempo em que promove o prazer, a concentração e o engajamento lúdico.

Além disso, o ato de brincar permite que a criança estabeleça uma conexão consigo mesma e com o grupo, ampliando sua capacidade de expressão, criatividade e resolução de conflitos. Nesse processo, é essencial que o educador oriente as atividades de forma sensível e planejada, garantindo que o brincar não

seja apenas um momento de dispersão, mas uma prática intencional voltada ao crescimento integral do educando.

É importante também considerar que, por meio dos jogos, as crianças exercitam o ganhar e o perder, experiências fundamentais para a construção do equilíbrio emocional e para o fortalecimento da resiliência. Dessa forma, a inserção dos jogos no cotidiano escolar deve ser vista como estratégia educativa valiosa, capaz de aliar aprendizagem e prazer, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento de valores como cooperação, empatia e respeito às diferenças.

O jogo, reconhecido como um importante recurso educativo, tem sido amplamente valorizado nas práticas escolares por seu potencial de promover o desenvolvimento global das crianças. Conforme afirma Moura (2003, p. 80), “o jogo, como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento, passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino”. Essa abordagem compreende que o lúdico está intrinsecamente ligado ao prazer de aprender, à curiosidade natural da criança e ao processo ativo de construção do conhecimento.

No entanto, é necessário que os educadores estejam atentos para que o uso do jogo não se torne a única estratégia pedagógica aplicada em sala de aula. A ludicidade, embora extremamente relevante, precisa ser complementada por outras práticas que promovam a sistematização dos conteúdos e a ampliação das experiências formativas. Nesse sentido, Kishimoto (2003) faz uma importante ressalva ao afirmar que “a utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos” (KISHIMOTO, 2003, p. 37-38).

Isso significa que, embora os jogos e brinquedos possuam um saber em potencial, seu verdadeiro valor educativo depende da mediação do professor, que precisa estabelecer pontes entre o brincar e o aprender. O simples contato com o jogo não garante, por si só, o desenvolvimento cognitivo da criança. É a intervenção qualificada do educador — que orienta, provoca, estimula e amplia as reflexões — que transforma o brincar em uma experiência de aprendizagem significativa. Dessa forma, o uso de jogos deve estar inserido em um planejamento intencional, alinhado aos objetivos pedagógicos e ao desenvolvimento das competências necessárias para cada faixa etária.

Ao considerar o jogo como aliado, e não como única ferramenta, o educador amplia as possibilidades de ensino, equilibrando momentos de ludicidade com práticas de observação, investigação, diálogo e sistematização do conhecimento. Assim, a criança é respeitada em sua essência e estimulada de forma integral, em um processo que une prazer, descoberta e construção de saberes.

A educação para a saúde tem sido cada vez mais incorporada ao contexto educacional desde os primeiros anos da vida escolar, especialmente na fase pré-escolar, momento em que a criança apresenta maior capacidade de assimilação e internalização de informações. Essa abordagem visa não apenas à promoção da

saúde, mas também à sua manutenção e recuperação, por meio da construção de hábitos saudáveis que acompanhem o indivíduo ao longo de sua trajetória. Como aponta Sanchez (2010), as ações educativas e preventivas devem ser integradas à rotina das crianças de maneira contínua e significativa, de modo que elas se tornem não apenas receptoras, mas também multiplicadoras do conhecimento sobre saúde.

Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental como espaço privilegiado para a formação de valores, atitudes e práticas voltadas ao cuidado com o corpo e com o meio em que se vive. A Organização Pan-Americana da Saúde – OPS (1995) enfatiza que a promoção da saúde no ambiente escolar deve partir de uma concepção integral e multidisciplinar do ser humano, reconhecendo-o em sua totalidade, ou seja, considerando seus vínculos familiares, comunitários, sociais e ambientais. Trata-se, portanto, de compreender que as ações voltadas à saúde não podem se restringir a conteúdos fragmentados ou meramente informativos, mas devem se articular com a vivência cotidiana das crianças, respeitando seu contexto e promovendo a construção coletiva do saber.

Dessa forma, o espaço escolar deve promover atividades que articulem o conhecimento teórico e prático sobre higiene e prevenção de doenças. É por meio de experiências significativas, vivências lúdicas e do diálogo constante entre educadores e alunos que se torna possível consolidar hábitos saudáveis, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos, conscientes e capazes de fazer escolhas que favoreçam o bem-estar individual e coletivo. A educação em saúde, portanto, não se limita à transmissão de informações, mas constitui um processo formativo amplo, que envolve o desenvolvimento de atitudes, comportamentos e responsabilidades desde a infância.

De acordo com Maranhão et al. (2000), ambientes coletivos, como creches e escolas, oferecem condições propícias para a disseminação de doenças infecciosas e parasitárias, sobretudo quando associadas à falta de higiene e à situação de vulnerabilidade socioeconômica das famílias. A circulação constante de crianças em espaços compartilhados, aliada à imaturidade do sistema imunológico nessa faixa etária e, muitas vezes, à ausência de práticas adequadas de higiene pessoal, favorece a transmissão de agentes patogênicos.

Apesar disso, é comum que algumas mães relatem que seus filhos passaram a adoecer com mais frequência após o ingresso na creche. Tal percepção, embora válida, deve ser compreendida à luz de fatores epidemiológicos e sociais. O aumento de episódios de infecção respiratória, dermatológica ou intestinal em crianças pequenas pode, de fato, ocorrer em ambientes coletivos, especialmente quando não há um acompanhamento rigoroso das práticas de higiene, tanto no espaço físico quanto nos hábitos das crianças e dos profissionais da educação.

Marques et al. (2009) complementam essa discussão ao enfatizar que, na fase pré-escolar, as crianças estão particularmente suscetíveis à aquisição de enfermidades como a enterobíase (oxiuríase), escabiose e pediculose. Estas últimas, especialmente, são comumente transmitidas por meio do contato interpessoal próximo, típico da interação constante entre os pequenos nos espaços de socialização. A partilha de objetos pessoais, como pentes, bonés, travesseiros e

brinquedos, além do contato físico durante brincadeiras, favorece a propagação desses parasitas.

Diante disso, torna-se fundamental que as instituições de Educação Infantil assumam um papel ativo na prevenção e no controle dessas doenças, promovendo ações educativas sobre higiene pessoal, cuidados com o corpo e limpeza dos ambientes. Além disso, é essencial o envolvimento das famílias no processo, fortalecendo a parceria escola-comunidade para garantir práticas de saúde que transcendam o espaço escolar e se reflitam no cotidiano das crianças. A construção de hábitos higiênicos desde a infância, portanto, é um caminho eficaz para reduzir a incidência de infecções, melhorar a qualidade de vida e promover o desenvolvimento saudável dos educandos.

Os problemas relacionados à higiene pessoal são recorrentes entre crianças que convivem em ambientes públicos e coletivos, como creches e escolas. No entanto, tais problemas podem ser significativamente reduzidos por meio de ações educativas voltadas à conscientização, que não se limitem apenas às crianças, mas que também envolvam suas famílias e a comunidade em geral. De acordo com Pucci (1999), quanto mais esclarecidas forem as crianças sobre a importância da higiene, maiores serão suas chances de desenvolverem um senso de identidade e autonomia, além de contribuírem ativamente para a manutenção de um ambiente mais limpo e saudável.

Nesse sentido, torna-se evidente a necessidade de que o trabalho pedagógico na Educação Infantil aborde os hábitos de higiene de forma prática, contextualizada e lúdica. A utilização de estratégias que dialoguem com o universo infantil, como jogos, histórias, músicas, dramatizações e experiências cotidianas, facilita a assimilação dos conteúdos relacionados ao autocuidado. A ludicidade, além de motivar a participação das crianças, permite que elas compreendam o valor do que está sendo aprendido e, sobretudo, desenvolvam comportamentos que ultrapassem o espaço escolar, atingindo também seus lares e comunidades.

Ao incentivar a prática de bons hábitos higiênicos desde os primeiros anos de vida, a escola contribui para a formação de sujeitos conscientes e responsáveis, capazes não apenas de cuidar de si, mas também de influenciar positivamente o meio em que vivem. Assim, este trabalho procurou refletir sobre a importância da educação para a higiene pessoal na infância, destacando como o ensino lúdico pode aproximar as crianças do conhecimento de forma significativa e transformadora. Ao promover o desenvolvimento de atitudes saudáveis e a transmissão desse saber para além dos muros escolares, a educação infantil fortalece seu papel na construção de uma sociedade mais consciente, saudável e comprometida com o bem-estar coletivo.

3.METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza teórica, com base em revisão bibliográfica, voltada à análise da importância do estímulo aos hábitos de higiene pessoal na Educação Infantil. Por meio do levantamento, seleção e interpretação de materiais já publicados, busca-se compreender o papel da escola

e dos educadores na promoção do autocuidado infantil, bem como destacar as principais práticas pedagógicas e contribuições para o desenvolvimento integral das crianças.

A escolha por uma abordagem bibliográfica permite sistematizar o conhecimento existente sobre o tema, dialogando com autores que tratam da saúde na infância, dos processos educativos na Educação Infantil, da construção de hábitos e da formação para a cidadania. Além disso, essa metodologia possibilita aprofundar reflexões sobre políticas públicas, diretrizes curriculares e fundamentos teóricos que sustentam a relevância do tema no contexto educacional.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A análise dos dados teóricos levantados ao longo desta pesquisa permitiu compreender que a promoção de hábitos de higiene pessoal na Educação Infantil é uma prática pedagógica essencial, que envolve muito mais do que ações de cuidado físico. Ela articula dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais do desenvolvimento infantil, exigindo do educador uma postura sensível, ética e intencional. Ensinar as crianças a cuidar do próprio corpo é, antes de tudo, uma ação formadora, que contribui para a construção da autonomia, da cidadania e da consciência coletiva desde os primeiros anos de vida.

A higiene pessoal, conforme destacam Sanchez (2010) e Pucci (1999), deve ser entendida como um valor social e como um direito básico da criança. Mais do que uma questão de saúde, ela representa uma prática de respeito consigo mesmo e com o outro. No entanto, a consolidação desses hábitos está profundamente condicionada às condições materiais e culturais das famílias, como apontam Minayo (2006) e Bourdieu (1998). Crianças que vivem em contextos de vulnerabilidade social enfrentam desafios concretos para manter uma rotina higiênica adequada, em virtude da escassez de recursos básicos como água potável, sabonete, escova de dentes e estrutura sanitária. Diante desse cenário, a escola se torna um espaço privilegiado para garantir o acesso à educação para o cuidado, funcionando como mediadora entre o saber popular, o conhecimento científico e os direitos humanos.

O papel do educador nesse processo é amplamente reconhecido por autores como Freire (1996), Vygotsky (1998) e Wallon (2007), que compreendem a prática pedagógica como ação ética, política e socialmente comprometida. Cabe ao professor não apenas informar ou supervisionar rotinas de higiene, mas criar situações didáticas intencionais nas quais a criança possa compreender o sentido de suas ações, desenvolver consciência crítica e internalizar comportamentos saudáveis de maneira autônoma. Ensinar a lavar as mãos, por exemplo, deve ser uma oportunidade de diálogo sobre saúde, responsabilidade, prevenção e bem-estar coletivo. O professor, nesse caso, atua como mediador cultural e modelo de conduta, sendo sua coerência entre discurso e prática fundamental para o êxito do processo educativo.

Além disso, a ludicidade se mostra uma aliada imprescindível na promoção dos hábitos de higiene. O brincar é a linguagem própria da infância e, como defendem Kishimoto (2007), Piaget (1975), Vygotsky (1998) e Brougère (2001), deve

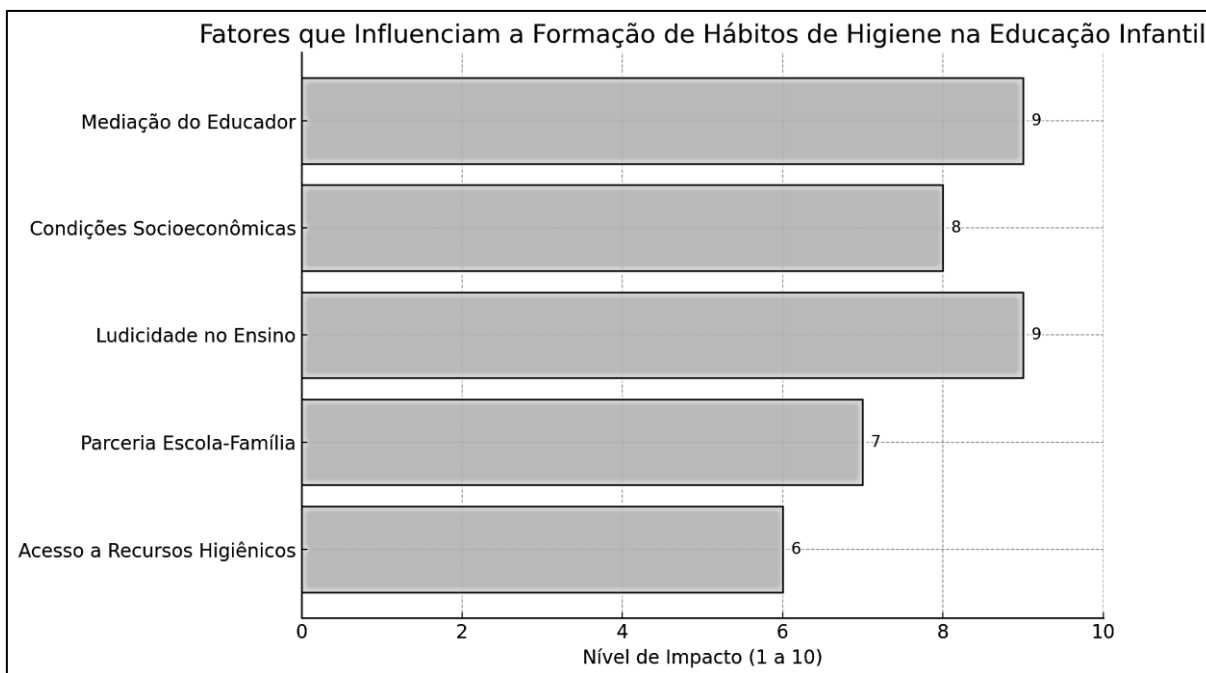
ser valorizado como meio de expressão, aprendizagem e desenvolvimento. Atividades lúdicas como dramatizações, músicas, jogos de faz de conta, histórias e circuitos sensoriais favorecem a internalização de práticas higiênicas de forma significativa e prazerosa, respeitando o tempo, os interesses e a capacidade de compreensão das crianças. A ludicidade não apenas estimula a participação e o engajamento, mas também favorece o desenvolvimento das funções cognitivas superiores, como memória, atenção, linguagem e controle inibitório, conforme apontam estudos da neuroeducação.

Outro aspecto importante que emergiu da discussão teórica foi o papel da escola na promoção da equidade. Autores como Dubet (2004), Freire (1996) e Bourdieu (1998) reforçam que o ambiente escolar deve atuar como espaço de justiça social, rompendo com a reprodução de desigualdades e estigmas. Quando uma criança chega à escola com sinais de negligência higiênica, o olhar do educador não deve ser de julgamento, mas de acolhimento e compromisso com a transformação dessa realidade. Isso implica construir pontes com as famílias, respeitar os saberes populares, adaptar metodologias, garantir o acesso a materiais e integrar a higiene ao currículo de maneira transversal e contínua.

Nesse sentido, a Educação Infantil afirma-se como uma etapa essencial na formação do sujeito. Conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), os direitos de aprendizagem — conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se — estão diretamente relacionados ao desenvolvimento integral e ao cuidado com o corpo e com o outro. A promoção dos hábitos de higiene deve, portanto, estar inserida nos projetos pedagógicos de forma articulada com os campos de experiência e com as práticas de rotina, assumindo um caráter formador, emancipador e humanizador.

Portanto, a análise dos fundamentos teóricos evidencia que promover hábitos de higiene na Educação Infantil é uma prática educativa complexa, que requer do professor competências didáticas, afetivas e sociais, além de sensibilidade para lidar com as diferentes realidades que compõem o universo escolar. Quando o educador reconhece a importância do cuidado como dimensão do ensino, valoriza a ludicidade como linguagem pedagógica e atua com responsabilidade social, contribui para a formação de crianças mais saudáveis, autônomas, solidárias e conscientes de seu papel no mundo.

GRÁFICO 1. Principais fatores identificados nesta pesquisa como determinantes para a formação de hábitos de higiene na Educação Infantil.



Fonte: a autora

O Gráfico 1 sintetiza, de forma visual, os principais fatores identificados nesta pesquisa como determinantes para a formação de hábitos de higiene na Educação Infantil. A análise foi construída com base na revisão bibliográfica e nas discussões teóricas desenvolvidas ao longo do estudo, atribuindo-se uma escala de impacto de 1 a 10 para cada fator, de acordo com sua relevância no processo educativo.

A mediação do educador foi o fator com maior nível de impacto (9), evidenciando o papel central do professor como agente formador, responsável por planejar, orientar e transformar as práticas de higiene em experiências pedagógicas significativas. Em seguida, aparecem a ludicidade no ensino (9), reconhecida como ferramenta metodológica potente, e as condições socioeconômicas (8), que interferem diretamente no acesso a recursos básicos e na consolidação dos hábitos no ambiente familiar.

A parceria entre escola e família também aparece como fator relevante (7), destacando a necessidade de diálogo e corresponsabilidade na formação do autocuidado infantil. Por fim, o acesso a recursos higiênicos (6), embora essencial, depende das políticas públicas e do contexto social, devendo ser garantido como direito básico da criança.

Este gráfico reforça a ideia de que a promoção da higiene pessoal na infância é uma ação multidimensional, que exige uma abordagem integrada entre pedagogia, saúde e justiça social. A atuação do educador, combinada com estratégias lúdicas e apoio institucional, pode minimizar desigualdades e garantir uma formação mais justa e humanizada às crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender a importância de estimular os hábitos de higiene pessoal na Educação Infantil, considerando essa prática como elemento essencial na formação integral da criança. A investigação teórica evidenciou que ensinar hábitos de autocuidado na infância é uma ação educativa que transcende a dimensão biológica, pois está imbricada em aspectos afetivos, sociais, culturais, éticos e pedagógicos. Nesse contexto, o estímulo à higiene pessoal não pode ser tratado como uma atividade acessória, e sim como um eixo estruturante da proposta pedagógica da Educação Infantil.

Partindo da concepção de que a criança é um sujeito ativo, capaz de construir saberes por meio das interações e experiências vivenciadas no cotidiano escolar, o trabalho reafirma que a Educação Infantil deve ser entendida como um espaço de cuidado e aprendizagem integrados. Conforme propõem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e diversos autores analisados, a promoção da saúde, do bem-estar e da autonomia precisa estar presente nos campos de experiência e nas rotinas da escola, garantindo às crianças o direito de conhecer, explorar e cuidar do próprio corpo, do outro e do ambiente.

No decorrer da análise, evidenciou-se que o educador desempenha um papel decisivo nesse processo. Sua prática não deve se limitar a instruções normativas, mas sim a ações planejadas, sensíveis e intencionais que estimulem a construção de hábitos saudáveis de forma significativa. O professor é, antes de tudo, um mediador cultural e afetivo, que modela comportamentos, mobiliza valores e promove reflexões. Ao transformar os momentos de higiene — como lavar as mãos, escovar os dentes ou trocar de roupa — em oportunidades educativas, o educador fortalece o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e do respeito mútuo.

Além disso, a pesquisa destaca que o brincar é uma das formas mais eficazes de ensinar e aprender na infância. A ludicidade, como enfatizado por autores como Kishimoto, Vygotsky, Piaget, Wallon e Brougère, é a linguagem natural da criança. Por isso, os hábitos de higiene devem ser ensinados com leveza, criatividade e prazer. Através de jogos simbólicos, histórias, músicas e dramatizações, as crianças assimilam valores, constroem sentido para suas ações e aprendem a cuidar de si de maneira espontânea e consciente. O lúdico, nesse sentido, potencializa o envolvimento emocional e cognitivo, favorecendo uma aprendizagem duradoura.

Outro aspecto fundamental abordado no estudo é o reconhecimento de que as práticas de higiene estão fortemente condicionadas às condições socioeconômicas das famílias. Crianças em situação de vulnerabilidade social muitas vezes enfrentam desafios como a falta de saneamento básico, produtos de higiene, energia elétrica e acesso regular à água. Compreender essa realidade é essencial para que o educador atue com empatia e compromisso social. A escola, por sua vez, deve assumir seu papel como promotora da equidade, contribuindo para a superação das desigualdades por meio de ações educativas, acolhedoras e formativas.

O trabalho também evidencia que a construção de hábitos exige constância, paciência e repetição significativa. A rotina organizada, estruturada com base na escuta e observação do grupo, é indispensável para a formação de hábitos estáveis e autônomos. É por meio dessa organização — coerente com as necessidades das crianças — que o espaço educativo favorece o desenvolvimento da identidade, da segurança emocional e da responsabilidade coletiva.

Diante dessas considerações, pode-se afirmar que a promoção dos hábitos de higiene pessoal na Educação Infantil representa uma prática pedagógica de extrema relevância para a saúde individual e coletiva. Vai além do campo da prevenção de doenças, alcançando a dimensão da construção de sujeitos éticos, críticos, autônomos e solidários. O trabalho com a higiene deve ser assumido como parte do compromisso da escola com a educação integral, voltada à formação do corpo, da mente, das emoções e das relações sociais.

Conclui-se, portanto, que investir na promoção da higiene pessoal desde os primeiros anos da escolarização é uma estratégia de cuidado, de educação e de justiça social. É formar uma geração que compreende o valor do autocuidado, que respeita o corpo e o outro, que reconhece a higiene como um direito e um dever coletivo. Ao sensibilizar educadores, instituições e famílias para esse tema, esta pesquisa espera contribuir para a qualificação das práticas pedagógicas e para o fortalecimento do compromisso ético da Educação Infantil com a dignidade, a saúde e a cidadania das crianças.

Como sugestão para estudos futuros, recomenda-se a realização de pesquisas de campo que explorem as práticas concretas desenvolvidas por professores em diferentes contextos, investigando os impactos de projetos educativos voltados à higiene pessoal e os desafios enfrentados em ambientes de vulnerabilidade. Também seria pertinente aprofundar os estudos sobre a formação docente nesse campo, analisando como os cursos de pedagogia e as formações continuadas têm abordado o cuidado, o corpo e a saúde na primeira infância.

6.REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (Org.). **Educação Infantil. Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Organização do tempo, dos espaços e dos materiais: condição para a construção de uma escola para a infância. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 63-78.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais – Saúde.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Saúde.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 2001.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 122, p. 111–126, jul. 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo e educação.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 2007.

MARANHÃO, Maria D. et al. **Educação e saúde: questões e perspectivas.** São Paulo: Moderna, 2000.

MARQUES, Lília A. et al. **Saúde da criança: fundamentos e práticas.** São Paulo: Hucitec, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80.** São Paulo: Hucitec, 2006.

OPS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Educación para la salud: un enfoque integral.** Washington: OPS, 1995. (Série HSS/SILOS, n. 37).

OPS – Organização Pan-Americana da Saúde. **Promoção da saúde: uma proposta de ação intersetorial.** Brasília: OPAS, 1995.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PUCCI, Antônio Cândido. **A criança e o cuidado com o corpo.** Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns: UFRPE, 1999.

PUCCI, B.; et al. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SANCHEZ, C. M. **Perfil do conhecimento dos cuidadores de uma creche pública sobre os hábitos de higiene bucal, Várzea Grande/MT.** Várzea Grande: UNIVAG,

*DuxEducare - Revista de Educação, Ciências e Saúde. Vol.1 D.O.I. 10.5281/zenodo.18167813
janeiro de 2026*

2010. Disponível em: <https://www.univag.com.br/biblioteca>. Acesso em: 27 maio 2025.

SANCHEZ, Rosana Aparecida. **Higiene corporal: práticas e representações de saúde e doença no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.